

e cativar, e que tiveram primeiramente de ser transformados na máscara sinistra do homem do Terror.

Pelo menos, o estudante Saint Just, antes de encontrar sua missão impessoal no mundo insípido das ficções políticas, ainda se entregara às exaltações poéticas de jovem versejador, freqüentara tavernas alegres, levava a vida dum elegante modesto que tem pretensões de esteta. Pelo contrário Maximiliano Robespierre — cuja voz descolorida, monótona e feições inexpressivas já foram criadas pela natureza, tal como exatamente as necessita a abstração para lhe servir de intérpretes, já nos é pintado, conforme os testemunhos mais remotos, como um rapaz modêlo, que nunca cometeu um ato irrefletido.

“Falava pouco e sempre num tom de decisão e de certeza”, conta seu professor, o abade Proyart. “A-pesar-de ser ávido de aprovação, quando lhe era dispensada, aceitava-a com uma expressão de friabilidade”.

A semelhança de seus camaradas, Robespierre, como moço imberbe, ensaia-se no cultivo da poesia. Mas seus versos são rígidos, secos, despojados de qualquer poesia, sem exuberância alguma de sentimentos.

Depois, dedica-se à profissão de advogado e entranha-se, logo, com a maior aplicação na literatura jurídica. Sua conduta continua a ser exemplar e mecânicamente regulada em tôdas as suas manifestações. Dia por dia, levanta-se de manhã cedo, veste-se cuidadosamente, como está acostumado desde sua infância, bebe um copo de leite, trata dos negócios de sua profissão e, de noite, estuda questões de direito ou as obras de Rousseau. Nunca se embriaga, nunca se atrasa além da hora em que costuma voltar para casa. Excessos, prazeres, mulheres, amigos — nada disso o tenta, nem distrai sua atenção, nem o faz desviar um só instante do seu monótono programa diário de inquebrantável rigidez.

Eis por quê essa revolução da razão abstrata, precisando dum *leader* segundo seu próprio e verdadeiro espírito, nada mais tinha a fazer senão tirar aquele jurista correto de sua existência provincial, ajustar sua mesquinha existência à grande idéia e outorgar-lhe o poder necessário. Nessas condições, o advogado de Arras, esquisito e sem relações, que bebe cada manhã seu copo de leite, lê Rousseau cada noite, que não ama as mulheres e não tem amigos, revela-se a mais perfeita incarnação de tudo o que a vontade da época precisa para executar sua obra.

Quando a história o chama a representar a idéia da revolução, Robespierre pode descansadamente ficar tal como fôra até então. Sua simplicidade, seu desapêgo de tôdas as seduções da vida fazem dele esse grande “Incorruptível” de que se precisa agora. “Querer subornar Robespierre” diz uma vez Mirabeau, “significaria perder

seu tempo. Esse homem não tem necessidade, é sóbrio e tem costumes simples!”

Em Paris, no apogeu de seu poder, mora, como em Arras, em condições burguesas as mais modestas. O quarto que alugou na rua Saint Honoré, na casa do marceneiro Duplay, recebe a luz duma única janela, que tem vista sôbre o pátio da oficina do seu hospedeiro, e é mobiliado unicamente com uma simples escrivaninha, um par de cadeiras de vime, uma estante de pinho para livros, e uma cama cuja colcha foi confeccionada com um velho vestido de gala de Madame Duplay.

Robespierre, o ditador da França, durante os cinco anos de sua estadia em Paris, mandou fazer, no total, três fatiotas. Quasi nunca assiste a reuniões ou banquetes e bem raramente é que recebe amigos em casa. Governa a República mas fá-lo da escrivaninha dum quartinho que dá vista para um pátio.

Ao passo que todos os seus companheiros de luta fundam famílias e têm além disso múltiplas aventuras e histórias amorosas, suas relações femininas reduzem-se a uma amizade reservada e cerimoniosa com a filha feia e solteirona do seu senhorio.

Uma noite, Robespierre, voltando para casa, pede seis francos de empréstimo a um colega, alegando seu desejo de ir a uma casa de tolerância. No outro dia, tôda Paris, fala dêsse acontecimento estudando, pasmando de haver, pela primeira e única vez, surpreendido uma fraqueza humana no “grande virtuoso”.

Como outrora na sua cidade provincial, também agora evita ligar-se a amigos e mantém “sempre a certa distância, mesmo aqueles homens com quem priva mais intimamente”. Porém, o que, em Arras, era mera mania dum original, torna-se, em Paris, condição *sine qua non* para êle executar imperturbavelmente a grande tarefa de que o incumbiu a História. Pois somente um homem que não tem apêgo à vida e ignora tôda emoção sentimental é capaz de perpetrar qualquer homicídio por amor dos princípios.

Nos primeiros dias da Revolução, dissera a respeito de Desmou-lins, seu companheiro de escola: “Esse bom Camilo! Estima-me com o calor duma amizade que data da escola. Se algum dia eu tiver de pô-lo à prova, estou certo de que corresponderá integralmente à minha confiança!” A-pesar-disso, Robespierre manda guilhotinar o “bom Camilo”, uma vez que êste embaraça o cumprimento radical da Idéia, em virtude de suas lamentações sentimentais.

No comêço do ano de 1793, escreve êle a Danton: “Sou teu amigo até a morte!” Não obstante, já faz tempo que anota meticulosamente no seu jornal cada ação suspeita, cada palavra imprudente do “Cíclope” e, em março de 1794, manda êsse amigo também à guilhotina.